

TEMPO - ANGELO DE CASTRO

TEMPO

ANGELO DE CASTRO



Sobre o autor:

Angelo de Castro, é um poeta da nova geração brasileira. De origem humilde, nasceu e viveu seus primeiros anos de vida na cidade de Vitória, Esp. Santo onde estudou se formando no ensino Técnico Contábil. Contudo, trabalhou na área comercial como comerciário. Nesse tempo escreveu a maior parte de seus textos, romances, contos, crônicas, três peças de teatro, poemas e literatura infantil. Muitos foram criados inicialmente em Livros Artesanais que ao longo de anos foram vendidos em praias, ruas e parques da região metropolitana de Vitória. Morou também em São Paulo por quase dez anos onde esteve em contato com outros autores e no ano de 2018 mudou-se para Araruama RJ onde através da amizade com o poeta Manoel de Santa Maria iniciou uma coluna literária em jornal o que lhe abriria novas oportunidades na área da literatura. Hoje, com 49 anos (16 / 08 / 1973) publica seus livros e os oferece através dos meios digitais e atua ainda em praias e parques. Obras mais recentes: : A Morte Na Luz Da Manhã / Parem O Mundo Que Eu Quero Descer (poemas) Ele Amava As Ordinárias / A Última Carona / Os Olhos Do Vampiro (romances) Instinto De Mulher (teatro) Não Há Pecados No Amor, (romance) Buzungunga (lit. infantil) A Inexorável Incerteza Do Ser / Janelas Que Abri Pra Vencer A Solidão / Essas Coisas Da Vida... / A Rosa Do Deserto / Casa Mal-Assombrada- Os Seres & O Caos (poemas) Entulhos (haicais) A Cidade Dos Homens (crônicas) Contos De Mistério, Terror e Suspense (contos) Poemas Proibidos Para Hoje Á Noite (poesia erótica) entre outros...

Joãoangelodecastrogoncalves 052.362.687/88 - 50.094.592-2

Joaoangelodecastro73@gmail.com 27 999039230

Vitória. Esp. Santo 22 de Agosto, 2021

Edição do Autor- Câmara Brasileira do Livro

Editora Estrel@, Vitória E.S. Edição n.01

Literatura brasileira. Tempo, mini contos

Esta obra é dedicada á memória de Edgar Allan Poe, Miguel Marvilla, Paulo Leminski e a todos que amam a escrita..



Prefácio

Contando os dias que um ser-humano vive sobre a Terra, subtraindo os dias ruins, multiplicando pelos dias felizes, dividindo pelos dias nublados, somados aos dias de caos e fobias, temos os dias ímpares...

Isso tudo, elevado ao cubo, é igual a X que divido em 3 é igual ao tempo de cada um por aqui...perene, fugaz... (noves-fora zero).

Talvez essas dúvidas e certezas possam ser comprovadas nas linhas que seguem em 'TEMPO', tão improváveis quanto os nossos dias, tão duras quanto as nossas necessárias, tão enormes quanto nossos medos e alegrias... tão inexoráveis...

Vale frisar que nesses versos há um misto de humor, espanto, dor, ironia e poesia, seja nos poemas feitos nesse derradeiro inverno ou nos sonetos-imperfeitos que mais uma vez se encarregam de dominar a linguagem poética...

Assim, não muito ao acaso, vamos tratando desse emaranhado de coisas que fazem nosso cotidiano...

Do mesmo modo que penso não haver nenhuma verdade absoluta nesse universo (não mais que a ação e passagem do tempo), creio que nem tudo que vemos ou sentimos é exatamente explicado para uns e para outros da mesma forma...

Daí (e de muito mais) a permanência das dúvidas, o que é tão magnífico, vejam, que nos faz insistir em procurar respostas, questionar, conflitar, desejar descobrir... isso que nos faz evoluir...

TEMPO - ANGELO DE CASTRO

Enquanto isso, deixem que a vida passe, deixem que os pássaros cantem, que os ventos venham e voltem a todos lugares...

Nós daqui, atores que somos nessa peça chamada Natureza Divina temos nossas obrigações e deveres de atuar fazendo melhor cada dia esse nosso tempo que nos é concebido... o restante... deixemos nas mãos do Criador, sendo gratos por toda maravilha que nos permite ter, que chamamos de Vida.

Em páginas que espero trocar impressões e divagações sem intenções filosóficas, no entanto, deixo que escorram sentimentos e que em algum momento possam tocar de forma positiva a quem as leiam...

Dito isso asas abertas a esse mundo de poesia e versos... que tragam somente o que possa ser tocado e com espírito leve... e que seja a alma...

Com gratidão...

Angelo de Castro... outono de 2023

ÍNDICE

Sobre o autor / Dados da obra / Prefácio

OS TEMPOS DE MEU AVÔ

O NÓ DA GRAVATA

DAS LEMBRANÇAS DE MEU PAI

FUMAÇAS AO VENTO...

FOGÃO DE LENHA

A ILHA DOS VENTOS

UMA FOLHA QUE CAI

TEMPO DE ESPERA

O NATAL DE DIANA

CADEIRA-DE-BALANÇO

O PÁSSARO VERDE

A CANÇÃO DO TEMPO

NOS PORTAIS DO TEMPO

O TEMPO E SUAS PÁGINAS

TEMPO DE SAUDADE

O TEMPO É UM PÊNDULO

SEGUINDO EM FRENTE

EM FALTA

O HOMEM APRISIONADO PELO TEMPO

O TREM-FANTASMA

ERA UMA VEZ...

AS CARTAS NÃO MENTEM

OS RELÓGIOS DE MEU AVÔ

BIBLIOGRAFIA

TEMPO - ANGELO DE CASTRO



OS TEMPOS DE MEU AVÔ

Meu avô era um homem elegante, de muito boa aparência. Digo isso não só como um carinho de neto. Meu avô realmente sabia manter uma boa aparência e postura e ainda assim, era um sujeito muito humilde. Sempre com palavras polidas e amigáveis.

De todo modo, lembro-me do Dr. Eron sempre que estou comendo abóbora.

Ah... Meu avô adorava abóbora. Tanto em salada quanto os docinhos caramelizados que ele trazia feitos de abóbora...

Depois ficava nos ensinando soletrar:

_a-b-ó-b-o-r-a!

Então dávamos risadas com ele e como se não soubéssemos, repetíamos errado só pra ver o vovô falar de novo:

_a-b-o-b-ó- acento agudo no "o" r-a, rá!!

Pronto! Só aquilo já era motivo suficiente para que a gente esquecesse das birras entre os irmãos e caíssemos outra vez na gargalhada.

Lembro disso enquanto esfria o meu prato de comida nessa tarde fria, dias e anos distantes daqueles últimos momentos que vivi com os meus avós.

Sem perceber, viajo no tempo mais uma vez até aqueles dias, que não eram... Não sei muito bem explicar... Não eram muitos diferentes dos dias de hoje.

A grande diferença, essa sim, eu reconheço, é que hoje não tenho mais aqueles mimos e carinhos, aquelas palavras doces e muitas vezes engraçadas, que só meus avós poderiam repetir agora e me fazer sorrir de novo.

Apesar de achar maravilhosa essa viagem no Tempo, o que resta em mim é essa percepção da materialização do TEMPO.

Não me entrego á incredulidade dos que o vêem apenas como uma viagem pelas memórias sem que se constate, reconheça e até mesmo, se sintam o Tempo como uma grande realidade e senhor de toda verdade.

Não quero e não deixo que ele venha a se confundir com "Memória". Não!

O espaço de Tempo que viajei agora desde as brincadeiras com meu avô, até os dias de hoje, compreende muitas, muitas e muitas outras histórias e situações vividas (por todos) de modo que, referir-se a isso como Memória seria diminuir demais e injustamente, o tamanho dessa constatação.

Pelos dias que se seguem, cada vez mais ficarão no Tempo as lembranças e essas "viagens" continuarão a existir.

TEMPO - ANGELO DE CASTRO



O NÓ DA GRAVATA

O dr. Eron era costumeiramente o primeiro que se levantava pelas manhãs. Todos os dias da semana.

Perto das 5 horas, assim que punha seus chinelos, ia até um fogão-de-lenha (que mantinha por gosto) e o acendia colocando para ferver a água para o café. Usava-se a chaleira. Minha avó viria em seguida para coar o cafézinho enquanto ele se arrumava para sair para o trabalho.

O vovô era advogado e dizem que era dos bons. Também trabalhava como professor.

Bem, antes de levantar-se da mesa, fazia uma oração.

Era sempre pra agradecer.

Também costumava cantarolar uma canção ainda mais antiga enquanto acarinhava minha avó.

Quando por fim se levantava da cadeira, a vovó vinha lhe ajeitar a gravata.

Dava-lhe um beijo no rosto e meu avô sorria, acenava pra nós se despedindo de cada um...

Disso lembro-me todas as vezes que olho as gravatas que guardo numa gaveta de um armário de roupas.

Há um bom tempo que perdi o costume de usar gravatas, mas ainda as tenho porque me lembram de meu avô... E não só dele, vejam só...

A lembrança desse Tempo me leva a meu pai também...

Foi meu pai quem me ensinou a usar gravata...

TEMPO - ANGELO DE CASTRO



DAS LEMBRANÇAS DE MEU PAI

De meu pai me lembro todas as vezes que olho as gravatas que guardo em uma gaveta de um armário de roupas.

Há um bom tempo que perdi o costume de usar gravatas, mas ainda as tenho porque me lembram muito de meu avô...
E não só dele, vejam só...

A lembrança desse Tempo me leva a meu pai também...
Foi meu pai quem me ensinou a usar gravata...

E pra que fique bem claro como pode o Tempo ser tão verdadeiro, meu pai se emocionava quando nos contava as histórias de seu avô, um alfaiate no interior de Minas, que por ironia do destino morreu enforcado com uma gravata.

Meu pai, então, parava alguns minutos relembando e quase chegava a chorar.

De fato notava-se que ele se emocionava e então, pra mudar o rumo da sua conversa começava a nos contar coisas de sua infância. Numa dessas vezes conseguiu confessar:

_Carrego comigo um peso na minha consciência: Por acidente, durante uma brincadeira quase alejei um amigo.

Então paramos para ouvir a narrativa daquilo que jamais podíamos imaginar ter acidentalmente acontecido:

_Éramos crianças e quando vi que ele tinha jogado o meu chapéu dentro de um riacho, entramos numa luta corporal que, ainda que não quisesse, acabei o machucando no ombro, quando por infelicidade lhe apliquei um "golpe de gravata". Por sorte, dele e minha também, não o alejei com gravidade, mas ele ficou com um "defeito" no ombro pelo resto da vida. Nesse instante ele deixa cair uma lágrima e conclui:

_Me arrependi, de verdade, mas quando me lembro dos dias de minha infância, o tempo vem e me faz lembrar daquele dia, por isso essa culpa.

Naquele Tempo não havia muitos recursos médicos na cidade, o transporte até um hospital era quase inexistente e tudo que podia se fazer era improvisar de forma que seu ombro ficasse imobilizado até a lesão cicatrizar...

Tempo ruim e de poucos recursos... Ainda mais para quem vivia numa cidade do interior... Coisa que pouco se compara com os tempos de agora... E se comparássemos, teria-se a perfeita noção do espaço e tamanho de todo esse tempo.

Então ficávamos tristes por aquele sentimento que perdurava.

Tudo que ele queria, conforme ele mesmo falava, era... que não tivesse existido aquele Tempo.

